



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANDREZA DA COSTA SILVA

***USINA DE JOSÉ LINS DO REGO: O CICLO DA CANA DE AÇÚCAR SOB A
PERSPECTIVA DA CASA GRANDE***

**Guarabira
2019**

ANDREZA DA COSTA SILVA

**USINA DE JOSÉ LINS DO REGO: O CICLO DA CANA DE AÇÚCAR SOB A
PERSPECTIVA DA CASA GRANDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Letras-Português, pela Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

**Guarabira
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Andreza da Costa.

Usina de José Lins do Rêgo [manuscrito]: o ciclo da cana de açúcar sob a perspectiva da casa grande / Andreza da Costa Silva. - 2019.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Neni de Freitas, Departamento de Letras - CH."

1. Literatura. 2. Economia. 3. Sociedade açucareira. I. Título

21. ed. CDD 338.1

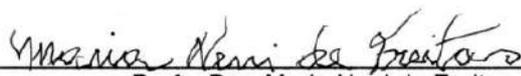
ANDREZA DA COSTA SILVA

**USINA DE JOSÉ LINS DO REGO: O CICLO DA CANA DE AÇÚCAR SOB A
PERSPECTIVA DA CASA GRANDE**

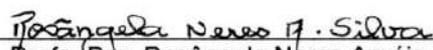
Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Graduação em
Letras-Português, pela Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, Campus III.

Aprovado em: 07 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
(Orientadora)



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
(Examinadora)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por que sem a permissão Dele não estaríamos aqui.

Agradeço aos meus familiares, de forma especial ao meu pai (Manoel) e minha mãe (Da luz) que me incentivaram desde pequena a trilhar por caminhos que me encaminhou ao progresso, e um desses foi minha jornada estudantil. Sempre levarei em meu coração a frase que vocês me diziam: que o bem mais precioso que poderiam me oferecer era os estudos. E realmente estou aqui, a primeira pessoa da família a conseguir concluir um Curso Superior. Obrigado por tudo que vocês fizeram e fazem até hoje por mim. Peço a Deus que abençoe grandemente a vida de vocês. Amo vocês!

Não poderia de forma alguma, deixar de agradecer ao meu esposo Diego, companheiro das lutas diárias e uma das peças fundamentais da minha vida. Se hoje cheguei até aqui, saiba que foi graças a suas contribuições intelectuais e palavras de incentivos, proferidas a mim nos momentos em que mais pensava em desistir. Obrigado por ser esse homem maravilhoso, compreensível e que a cada dia me incentiva a crescer, não só no sentido intelectual, mas no amadurecimento como pessoa. Quero que saibas que te amo e sou grata a Deus por poder compartilhar todos os dias da minha vida com você.

Agradeço as amigas adquiridas durante minha jornada acadêmica; de forma linear, agradeço as minhas amigas: Laiane, Maria da Conceição, Jaqueline e as "Meninas da Pipoca".

Impossível deixar de falar algo sobre minha grande amiga, Antônia Gomes. Amiga de todas as horas, e que sempre estará disposta a me ajudar no que precisar. Saiba que levarei nossa amizade até o fim dos meus dias. Obrigado por tudo!

Agradeço a minha querida Orientadora, Neni, por todo carinho e compreensão que teve comigo. Também sou grata pelas contribuições intelectuais a mim oferecidas.

O meu muito obrigado a todos os professores que de alguma forma marcaram minha vida acadêmica.

USINA DE JOSÉ LINS DO REGO: O CICLO DA CANA DE AÇÚCAR SOB A PERSPECTIVA DA CASA GRANDE

RESUMO

A formação da sociedade brasileira e estruturação do sistema econômico ao longo dos séculos são questões que sempre mereceram um olhar acurado por parte dos estudiosos, despertando, por vezes, abordagens inovadoras e/ou complementares. A literatura, inexoravelmente, exteriorizará - forma direta ou indireta - em suas produções as mudanças sociais, políticas e econômicas que se encontram em curso, transformando-se em um importante instrumento de percepção e análise de um processo com tamanha complexidade e variáveis. Para atingirmos os objetivos deste trabalho, usamos como aporte teórico: (FREYRE, 1936), (CANDIDO, 2006), (HOLANDA, 1995), (LE GOFF, 2012). Dessa forma, o presente artigo em questão analisa a interligação entre os recursos analíticos dispostos, sob o ponto de vista da formação social e econômica e a produção literária *Usina*.

Palavras-chave: Literatura. Economia. Sociedade açucareira.

RESUMEN

La formación de la sociedad brasileña y estructuración del sistema económico a lo largo de los siglos son cuestiones que siempre merecido una mirada acurado por parte de los estudiosos, despertar, a veces, enfoques innovador y / o complementaria. La literatura, inexorablemente, exteriorizar - forma directa o indirecta - en sus producciones los cambios sociales, políticos y económicos que se encontrar en curso, devenir en un importante instrumento de percepción y análisis de un proceso con un tamaño complejidad y variables. Para llegar los objetivos de este trabajo utilizamos como contribución teórico: (FREYRE, 1936), (CANDIDO, 2006), (HOLANDA, 1995), (LE GOFF, 2012). De esa forma, el presente artículo análisis la interconexión entre los recursos analítico arreglado, bajo el punto de vista de la formación social y económica y la producción literaria *Usina*.

Palabras-clave: Literatura. Economía. Sociedad azucarera.

1. INTRODUÇÃO

"A vida era mais mansa no tempo do Santa Rosa. Era o que Ricardo sentia no balcão, aonde servia de caixeiro." (REGO, 1957, p. 149).

A ocorrência de transformações que possam intervir diretamente nos indivíduos - sendo estas mudanças sentidas nos aspectos mais triviais até as que alcançam certa amplitude sobre a vivência destes - podem ser analisadas sob a ótica de situações comuns ao processo histórico. Do homem simples do eito, até o indivíduo graduado e letrado, mudanças que se processam na seara econômica e política tendem a provocar reações das mais variadas naturezas; podendo ser exteriorizadas na forma de um lamento ou, no nosso caso em análise, sob uma construção literária de cunho regionalista.

No contexto do processo de formação histórica nacional, a região Nordeste esteve presente, como participante direta, nos principais eventos políticos, econômicos e sociais que marcaram os séculos que compreenderam a estruturação do território e identidade do povo brasileiro, ora como agente na promoção do apogeu comercial e em outras situações como elemento de sublevação à ordem dominante.

Nessa delimitação analítica, as obras literárias produzidas por José Lins do Rego – com destaque específico as que se inserem no assim denominado *Ciclo da Cana-de-Açúcar* – se notabilizam por realizarem uma constante descrição/abordagem, no tocante aos assuntos pautados sobre a dinâmica das relações sociais entre a classe trabalhadora e a patronal no ambiente senhorial/patriarcal dos engenhos destinados à produção açucareira, na região Nordeste.

O transcurso temporal revelou-nos a sedimentação de comportamentos e formas de tratamento comuns, ao nos reportarmos sobre as modalidades e estratégias de manutenção da ordem e produtividade dos engenhos. Manter sob controle um considerável contingente de escravos pressupunha-se a concessão, na medida do possível, de certos privilégios ou a partir do estabelecimento de relações paternalistas, exemplo do caso de apadrinhamento dos filhos pertencentes aos trabalhadores.

Ao lidarmos com o enfoque de análise ao qual pretendemos adentrar, no que se refere à temática a ser perseguida, deparamo-nos com a obra *Usina*, que magistralmente perscruta questões importantes no tocante às mudanças significativas ocorridas no trato entre patronato e trabalhadores; mutações sociais que foram operadas em todos os estratos que compreendiam esse tipo de relação, desde o meio interno (*Casa-Grande*), do ambiente laboral (*eito*), até o ambiente natural. Segmentos estes que irremediavelmente iriam padecer em meio as consequências, advindas através das transformações operadas nesse tipo de transição econômica e social.

Atendo-se ao contexto temporal de produção da referida obra literária, no plano político nacional, estávamos diante da iminência de um golpe de Estado – logo adiante nos relevando a face sombria do período ditatorial conhecido como *Estado-Novo* (1937-1945), capitaneado sob a figura populista-paternalista de Getúlio Vargas -, a crescente onda de movimentos políticos reacionários ganhava espaço no cenário mundial e a população brasileira ainda sentia os amargos efeitos provenientes da crise da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929).

Esta pesquisa apresenta duas partes, no Item dois trataremos dos aspectos de formação da sociedade brasileira que José Lins do Rego descreve no romance *Usina* (1936). No Item três analisaremos o panorama social e econômico na Primeira República e a influência exercida sobre a literatura de José Lins do Rego. Nesse contexto, utilizaremos como principal base de fundamentação teórica os seguintes autores: (FREYRE, 1936), (CANDIDO, 2006), (HOLANDA, 1995), (LE GOFF, 2012).

Nesse sentido, passaremos a realizar a análise sob a ótica da contextualização dos processos econômicos, políticos e sociais que ensejaram na formação da sociedade rural descrita na obra de José Lins do Rego.

2. ASPECTOS DE FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA EM *USINA* (1936)

A composição de uma obra literária é precedida do impulso de criatividade por parte do autor no ato do exercício representativo¹, o que significativamente é influenciado com base em seu local de vivência, suas impressões pessoais, posicionamentos políticos e ideológicos, incluindo o contínuo exercício de utilização da memória.

Assim, o meio rural retratado por José Lins do Rego - ao qual daremos atenção no curso da análise a ser desenvolvida - reportava-se ao resultado de um gradativo processo, relativo a sua inserção pretérita em um sistema de desenvolvimento econômico monocultor, de características coloniais. Holanda (1995, p. 48) faz referência a questão da qualidade dos solos da região Nordeste e a expansão do sistema adotado nessa área para outras localidades.

Algumas das principais características que norteiam a composição descritiva das obras de José Lins do Rego - em especial destaque na produção literária *Usina* (1936) - possuem vinculações com base na influência do processo colonizador. Um dos elementos com maior presença em suas criações, principalmente as que incidem sobre as obras do *Ciclo da Cana-de-Açúcar*², diz respeito ao aspecto de retratação dos momentos correlatos à intimidade na Casa Grande.

Com traços arquitetônicos únicos, margeados pela intenção de perpassar a opulência e o poderio da classe senhorial da época, essas construções são analisadas sob a seguinte perspectiva:

A casa peninsular, severa e sombria, voltada para dentro, ficou menos circumspecta sob o novo clima, perdeu um pouco a sua aspereza, ganhando a varanda externa: um acesso para o mundo de fora. Com essa nova disposição, importada por sua vez da Ásia oriental e que substituíra com vantagem, em nosso meio, o tradicional pátio mourisco, formaram o padrão primitivo e ainda hoje válido para as habitações europeias nos trópicos. (HOLANDA, 1995, p. 47)

1 Grecco (2014, p. 42), afirma que a conceitualização do que se entende por Representação já era objeto de análise, no início do século XX, por Émile Durkheim. O citado sociólogo incluía tal pensamento na ordem de uma construção social, com o qual os indivíduos a utilizavam no processo de entendimento e expressão da realidade.

² Em um lapso temporal de pouco mais de dez anos, José Lins do Rego (1901-1957) publicou uma série de cinco romances, inseridos em uma temática denominada de "Ciclo da Cana-de-Açúcar". Assim, tais obras encontram-se dispostas na seguinte sequência: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) - esta produção literária destacando-se como sendo o marco de conclusão do "Ciclo da Cana-de-Açúcar" -, e, por último, *Fogo Morto* (1943).

O modelo de formação econômica e social da colônia brasileira possuiu certas peculiaridades comuns, se comparado com outras localidades circunvizinhas, em uma sistemática que nos é apresentado por Freyre (1936, p. 65):

“Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. (...) Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular”.

À empreitada colonialista pressupunha-se a utilização de um significativo aporte financeiro, além da realização periódica de incursões e patrulhamentos nas terras descobertas, o que necessariamente significava um risco – no quesito monetário e de utilização de forças leais à Coroa – para o monarca e sua Corte. Em linhas gerais, delinearam-se os princípios e diretrizes iniciais de atuação do colonizador português perante a colônia. Dessa maneira, depreende-se que:

O que **o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho.** A mesma, em suma, que se tinha acostumado a alcançar a Índia com as especiarias e os metais preciosos. Os lucros que proporcionou de início, o esforço de plantar a cana e fabricar o açúcar para mercados europeus, compensavam abundantemente esse esforço (...) mas era preciso que fosse muito simplificado, restringindo-se ao estrito necessário às diferentes operações. (HOLANDA, 1995, p. 49 – **grifo nosso**)

O desbravamento desmedido, impulsionado pelo espírito de aventura e, necessariamente, pela busca de riqueza fácil e em tempo hábil foi uma das características presentes nos primeiros momentos das incursões ocorridas na colônia. Aliado ao espírito aventureiro e imediatista, peculiar aos primeiros momentos das incursões, outras questões podem ser aventadas como obstáculos ao fomento das expedições direcionadas para além do litoral e/ou a permanência na colônia. A instabilidade institucional e obscuridade existente nas terras brasileiras, principalmente as que se distanciavam da região litorânea, destacam-se como fator preponderante nesse período, sendo que:

Tudo aqui era desequilíbrio. Grandes excessos e grandes deficiências, as da nova terra. O solo, excetuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nele tudo o que se quisesse, do entusiasmo do primeiro cronista. Em grande parte rebelde à disciplina agrícola. Áspero, intratável, impermeável. (...) E pelas terras e matagais de tão difícil cultura como pelos rios quase impossíveis de ser aproveitados economicamente na lavoura (...). (FREYRE, 1936, p. 77)

A mudança substancial, no tocante ao desenvolvimento da região Nordeste e, por conseguinte, do aumento do povoamento nas localidades antes inóspitas, ganhou maior impulso a partir da institucionalização das capitânicas hereditárias³, que conferiu maior segurança – se pensarmos que a colônia era frequentada por piratas e corsários interessados na lucrativa madeira de Pau-Brasil – e o incentivo por parte da coroa portuguesa, nas capitânicas mais rentáveis, em manter a permanência nas terras cedidas.

Conjuntamente com a mudança no direcionamento da diretriz política colonial, outro fator pode ser incluído como fomentador no processo de ocupação das terras brasileiras: o cultivo da cana-de-açúcar. Algumas peculiaridades, atinentes ao sistema de cultivo do gênero agrícola em questão, podem ser vislumbradas na seguinte colocação:

Esse modelo estava baseado em largas extensões de terra, mão de obra escrava e uso extensivo dos recursos naturais existentes, como madeira e água, imprescindíveis para a produção de açúcar com a tecnologia disponível na época. (MACHADO, 2003, p. 03)

As condicionantes acima elencadas eram primordiais para o pleno desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar, algo que se processou de maneira significativa na região Nordeste.

O devido curso temporal - em confluência com as transformações sociais, políticas e econômicas que se estabeleceram na região de enfoque da nossa análise - destacou-se como fator condicionador na formação de uma elite regional. Bernardes (2007, p. 52), cita algumas categorias, situando-nos sobre tal temática, a exemplo dos proprietários, militares, letrados, altos funcionários, clérigos e comerciantes.

Vamos encontrar algumas dessas categorias preenchendo as linhas que constituem o romance *Usina* (1936), no aspecto descritivo da terra ou na participação do desenrolar da trama, apesar da delimitação, conferida por José Lins, em protagonizar pessoas humildes em algumas de suas obras.

Paralelamente ao fortalecimento de uma espécie de elite local - com vínculo de pertencimento e solidariedade com seus pares - a região Nordeste passa a ser o

3 Segundo Bernardes (2007, p. 47), tem-se a modalidade de capitânicas hereditárias vinculada a uma sistemática de divisão administrativa inicialmente delegada aos *capitães donatários* e, posteriormente, pelos *capitães gerais*, estes respondendo diretamente à coroa portuguesa e/ou ao governador-geral.

palco de surgimento de uma categoria de pequenos e médios proprietários de terras, de arrendatários e de trabalhadores livres⁴, mesmo que o sistema de relações laborais escravocrata estivesse em plena utilização. O autor se vale dessas categorias populacionais como fonte, no momento de construção da trama que circunda o romance *Usina* (1936), principalmente quando direcionamos nosso olhar para o icônico personagem José Marreira – este um astuto e experiente arrendatário, que gradativamente vai estabelecendo uma série de acordos vantajosos com o usineiro.

O sistema de produção dos engenhos, este um dos instrumentos responsáveis pelo apogeu econômico do Nordeste, tornou-se passível de modificações na sua estrutura conforme a demanda ou concorrência externa se manifestava. Assim, a título de exemplificação, em 1857, a pedido do imperador do Brasil, D. Pedro II, elaborou-se uma espécie de programa de modernização do sistema de produção de açúcar, amparado em uma nova sistemática: os Engenhos Centrais⁵.

A movimentação da engrenagem produtiva açucareira, proveniente dos engenhos, recebeu considerável impulso com o uso de mão-de-obra escrava, mas com o endurecimento das medidas que visavam o combate do comércio e, posteriormente, o tráfico de escravos – medidas impostas e fiscalizadas pelo poderoso império britânico, através da sua frota marítima – a força de trabalho cativa começa a diminuir, cedendo espaço para os trabalhadores livres.

A transição entre mão-de-obra escrava e a assalariada ocorreu com a predominância de alguns aspectos pontuais, principalmente como se processou com o grande contingente de negros recém-libertos das fazendas ou engenhos.

4 Bernardes (2007, pp. 52-53), aborda sobre a existência de determinadas classes populacionais (na região Nordeste) pelo viés da sedimentação de um modelo econômico baseado na atividade de exportação, concomitante à utilização de uma força de trabalho escrava. No transcorrer das situações cotidianas, os estratos sociais compostos por proprietários médios e arrendatários podiam encontrar-se em conjunturas diversificadas; ora em iminente rota de conflito e, em outra situação, coexistindo de forma complementar com os grandes proprietários de terras.

5 Machado (2003, pp. 04-05) afirma que os Engenhos Centrais eram parte de um ambicioso projeto patrocinado por D. Pedro II, no qual estas unidades seriam responsáveis apenas pela moagem e processamento do açúcar, sendo de atribuição exclusiva dos fornecedores o cultivo da cana-de-açúcar. Na prática, foram aprovados 87 Engenhos Centrais e efetivamente implantados 12 projetos. Em suma, o projeto revelou-se frágil e inviável. Dentre os motivos podemos apontar o desconhecimento operacional de manipulação dos novos equipamentos, falta de interesse dos fornecedores e, além disso, o alto custo advindo pela compra de lenha para alimentar as caldeiras.

Pontua-se, inicialmente, que a inexistência de um projeto oficial de incorporação dos negros libertos – aliada a uma ferrenha resistência capitaneada por parte da elite à ocorrência da libertação dos escravos – trouxe graves consequências sociais. Assim fala:

Com o fim da escravidão no Brasil, muitos negros foram expulsos das fazendas e ficaram sem ter onde morar nem como sobreviver. Uma boa parte da elite brasileira não queria que os negros assumissem os novos postos de trabalho que estavam surgindo no Brasil, à preocupação da elite era embranquecer o país com imigrantes vindos da Europa. Essa política de segregação racial fez com os negros vivessem as margens da sociedade. (NASCIMENTO E MEDEIROS, 2010, p. 310)

Nas palavras acima colocadas, perpassa-se a importância que a elite dava ao projeto de branqueamento⁶ da população, em detrimento de uma larga experiência de miscigenação e interação entre os diversos povos que coexistiram no território brasileiro. Esse quadro proporcionou o surgimento de futuras medidas excludentes e segregacionistas, impostas, de maneira coercitiva, sobre os estratos sociais marginalizados.

A condição de ser negro já ensejava no seu estado de marginalização, mas José Lins do Rego adentra nessa temática social, ao expor a situação do jovem Ricardo; negro e recém-liberto do cárcere (Ilha de Fernando de Noronha):

Ricardo procurou serviço na construção da linha de bonde de Beberibe. Só lá encontrara trabalho. Mesmo ele não desejava viver mais em padaria, pegar amizade para depois suceder o que lhe havia acontecido. O trabalho era duro. De picareta na mão, cavando terra, no serviço puxado com os companheiros acostumados fazendo as coisas na maciota, conversando uns com os outros. Parecia o eito do Santa Rosa. O feitor estava tomando conta, os cabras de pés no chão, e a terra na frente, a tarefa dura para tirar. Criou calos nas mãos. E o sol queimava-lhe as costas, um sol como o da ilha. (REGO, 1979, p. 29)

O peso do estigma social – no caso exposto, advindo por duas vertentes: a cor da pele, aliada à condição de egresso do sistema prisional – recaiu de forma acentuada sobre o personagem Ricardo, descrito por José Lins do Rego, denotando

6 O projeto de branqueamento da população foi uma bandeira arduamente defendida por setores da elite brasileira. Gioppo (1996, p. 169) afirma que as ideias eugenistas chegaram ao Brasil entre fins do século XIX, consolidando-se nos primeiros anos do século XX. Assim, "Em 1870, os jornais das Faculdades de Medicina já discutiam a importância do médico higienista e seu papel na sociedade (...)".

a abissal exclusão social que se abateu sobre os setores populacionais considerados marginais.

Em síntese, a marginalização social acentuada provocava olhares desconfiados das autoridades públicas, à fundamentação de manter a ordem social recaia sobre os indivíduos considerados de origem racial inferior, por exemplo, na forma de dispositivos legais que combatiam a “vadiagem”. Nesse sentido, atentemos para as desventuras que ocorriam na trajetória da trama, envolvendo o personagem Ricardo e a dificuldade que o mesmo encontrou em se adequar à dinâmica econômico-produtiva da usina. José Lins do Rego descreve as impressões do personagem Ricardo da seguinte forma:

Enquanto o trem corria, Ricardo sonhava. Há não sei quantos num banco daquele viera para a terra, aonde os negros eram mais livres, mais do que no engenho, aonde, em vez de alugados, seriam empregados, tivessem regalia de homem livre, pudessem mandar em sua vida. Tivera a vida nas mãos e fora aquela desgraça. (REGO, 1979, p. 38)

O que podemos apreender com base no que foi explanado, diz respeito às consequências danosas provocadas pela omissão do governo republicano, no tocante a implantação de políticas públicas mínimas de reparação e reinserção da considerável massa populacional de negros libertos. A obra literária *Usina* (1936) – especificamente quando se atém aos relatos da vivência de Ricardo – torna-se um importante instrumento de percepção social, especificamente sobre os personagens que se encontravam sob a órbita da Usina Bom Jesus.

3. PANORAMA SOCIAL E ECONÔMICO NA PRIMEIRA REPÚBLICA: A INFLUÊNCIA EXERCIDA SOBRE A LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO

A conjuntura econômica e social que permeou os anos que compreenderam o período denominado de Primeira República (1889-1930) possuiu certas características que se mostraram imprescindíveis à devida compreensão de determinados elementos presentes nas obras de José Lins do Rego.

Ao nos debruçarmos sobre o ambiente de retratação do romance *Usina* (1936), nos situamos sobre uma região rural, onde se processavam episódios que iriam influenciar significativamente o meio citadino. A relevância do ambiente rural no

delineamento dos fatos sociais, políticos e econômicos da Primeira República foi uma das marcas presentes na periodização que se pretende analisar. Dessa forma:

O Brasil da Primeira República não foi industrial: segundo o Censo de 1920, 69.7% da população economicamente ativa dedicava-se à agricultura, 16.5% ao setor de serviços e 13.8% à indústria, quadro que não se alterou significativamente até 1930. (PATTO, 1999, p. 170)

Notadamente, a acentuada ocupação populacional existente nas regiões rurais do Brasil – esta uma das principais características que permearam a divisão demográfica do país até a década de 1940 – influenciou significativamente uma parcela de autores, muitos residentes nessas áreas.

Necessariamente, o meio em questão despontava como plano de fundo para a formulação das tramas, sem que os autores deixassem de impingir o tom de denúncia social no transcorrer da obra literária. Podemos perceber que a exploração de temáticas de cunho social encontra respaldo na seguinte colocação:

A literatura brasileira passou a fomentar reflexões do mundo social a partir do século XIX e, através do Realismo, movimento literário que tem por característica principal a abordagem de temas sociais, marcados por uma linguagem política e de denúncia dos problemas. Daí por diante a produção literária se apresenta como instância refletora de transformações sociais e históricas. Nesse sentido, a ficção adota um sistema de interpretação dos fatos, particularidade que provoca através da leitura de determinadas obras, debates e discussões sobre acontecimentos e etapas decisivas da história do país. (ANDRADE E SILVA, 2015, p. 106)

A busca frequente de José Lins do Rego em retratar ambientes rurais nas suas obras pode ser explicada através do seu vínculo com o meio dos engenhos, pois de acordo com Andrade (2016, p. 85), “Em 1902 com a morte prematura de sua mãe Amélia, Zé Lins, ficou no Engenho Corredor na casa do avô materno José Lins Cavalcanti de Albuquerque conhecido como BUBU.” No transcorrer da obra *Usina* (1936) podemos apreender a retratação de elementos que remetem ao uso do recurso da memória, no tocante à descrição de paisagens, tipos humanos e sentimentos.

Existe uma constante simbiose entre a produção literária e utilização do recurso da memória, tal entrelaçamento irá determinar a construção do texto e a intencionalidade da trama. Sobre a funcionalidade da memória, podemos considerar que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1924, p. 405)

Assim, a atividade psíquica responde pela cristalização de determinadas impressões, fatos, experiências, traumas, alegrias; remetente a uma série de recortes temporais pretéritos, mas que cotidianamente surgem sob a forma de manifestações orais e escritas.

Na leitura que realizamos da obra *Usina* (1936), sob a ótica da relação entre o texto e a apreensão da memória individual e coletiva, estamos convergindo ao que se encontra exposto:

Nesse sentido, a literatura, apesar de não ter uma preocupação explícita em relação à memória, de certa forma tem esse papel de suporte, pois as construções literárias constituem formas privilegiadas de se apreender aspectos da memória coletiva. Os *silêncios* ou as revelações nos textos literários são fontes de extrema relevância para se compreender os mecanismos de perpetuação ou transformação das representações de uma dada sociedade. Os discursos, assim, não somente qualificam o mundo, mas também orientam o olhar e a percepção sobre a realidade. (GRECCO, 2014, p. 47)

Nota-se que os questionamentos correlatos ao aspecto da temática memória, na maioria das situações, não se sobressaem como objetivos seguidos pelos literatos. Assim, emergem outras intencionalidades – na nossa seara delimitativa, a retratação de aspectos sociais e econômicos de uma determinada época -, mas que, por vezes, de maneira implícita, expõem elementos referentes à memória coletiva.

No esteio do que nos foi apresentado – atendo-se para o quesito de complementariedade da análise em curso -, a produção literária de *Usina* (1936), seguindo a base delimitativa que foi devidamente exposta, pode ser elencada como sinônimo de representação do seguinte contexto:

Romance fortemente marcado de Neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego) (...) (CANDIDO, 2008, p. 131)

Usina (1936) – no sentido de análise, especificamente ao que já foi aventado sobre a temática de representação - em suas linhas gerais concatena uma nova

roupagem do sistema econômico açucareiro: o dinamismo produtivo aliado ao formalismo usual do capitalismo no trato com a classe trabalhadora. Em síntese, a manifestação de um modelo econômico mais agressivo e com repercussões em todos os estratos da sociedade circundante⁷.

As mudanças que se operaram no modelo de produção econômica açucareira conseqüentemente respigaram na construção literária que o autor conferiu aos capítulos do romance, pois:

O mundo açucareiro do Nordeste e sua história passam a ser concebidos pelo artista-romancista como uma realidade em permanente transformação. Não há mais o pano de fundo imutável, irredutivelmente acabado, encontrado nos primeiros livros do escritor. O homem não está mais submetido ao poder de um destino cego, imobilizado pela ordem social. (BÜHLER, 2016, p. 166)

A dinâmica que balizava as relações econômicas e sociais – principalmente quando delimitamos nossa abordagem para os anos finais da década de 1920 – no mundo rural descrito por José Lins do Rego, à época da produção da obra *Usina* (1936), encontrava-se marcada por transformações irreversíveis. Mudanças que impactaram diretamente todas as camadas pertencentes à sociedade local; do trabalhador braçal, partindo para o usineiro Dr. Juca. Podemos exemplificar tal sistemática ao direcionarmos nossa atenção sobre a seguinte narração do autor do texto:

Naquele ano a Bom Jesus não moeu, como se esperava. Tudo era novo, os engenheiros garantiram e foi uma moagem, parando hoje para corrigir as moendas, amanhã para acertar as turbinas. E o açúcar da pior espécie. O Dr. Pontual viera examinar, olhando tudo com um técnico de sua confiança e voltou dizendo que eram incidentes naturais na primeira moagem. O fato era que o açúcar da Bom Jesus não dava que prestasse. Um cristal escuro e úmido que nem se comparava com o da São Félix. (REGO, 1979, p. 158)

A lógica mercadológica, a acumulação de dividendos em escala crescente, a mecanização, a conseqüente redução do contingente de trabalhadores, o aumento da desigualdade social; essas foram situações que se apresentaram sob uma

⁷ As conseqüências advindas pela implantação do sistema de usinagem iriam repercutir no meio natural, pois no romance *Usina*, especificamente na página 229, o autor relata-nos sobre o impacto ambiental causado pela “podridão de suas caldas” no Rio Paraíba, “sujando tudo, chamando urubu”.

parcela de indivíduos que estavam avessos a todo o processo em curso. De forma complementar:

No que diz respeito às questões sociais, no engenho Santa Rosa é explicitada uma identificação maior do trabalhador, embora explorado, com o lugar. Na usina, como uma grande “engrenagem” o que se percebe é a reificação do indivíduo, como a frieza das máquinas, também o lugar se torna indiferente. O trabalhador, ainda que sofresse a exploração da sua mão-de-obra, antes era parte do lugar, pertencia a uma identidade social que se construía nos engenhos. (...) A usina faz com que se percam essas relações identitárias (...) (MEDEIROS, 2012, p. 07)

A sistemática fabril, implantada de maneira imediata sobre indivíduos adaptados a um ritmo de vida peculiar, com vinculações identitárias remetentes ao período colonial, impactou o arraigado modelo de relações sociais, até então construído e solidificado em uma base temporal secular.

No romance em análise, o modelo de organização que passou a ser determinado pelo sistema produtivo da usina, no tocante as relações sociais, pode ser percebido quando:

A velha casa, onde o velho José Paulino vivera os seus oitenta e tantos anos, se reformara também. Ali na cozinha, nas portas largas por onde entravam e saíam os moradores e as negras, tinham posto grades de ferro. (...) O Dr. Juca cuidara de dar-lhe uma cara mais decente. Aquela banca do alpendre de pau bruto, aonde o velho José Paulino dava as suas audiências, fora substituída, desaparece para um canto qualquer. (...) A rua, a antiga senzala dos negros, não podia ficar bem defronte de uma residência de usineiro. (...) E as negras tiveram que procurar abrigo para mais longe. (REGO, 1979, p. 45)

O traço de proximidade e familiarização, existente entre o senhor de engenho e os escravos, foi uma peculiaridade que ultrapassou o curso temporal, algo que foi se arraigando desde o período colonial. Manter sob controle a massa de escravizados, concomitante à normalidade produtiva, passava necessariamente pela manutenção de algumas concessões e, na medida do possível, de benefícios aos que eram essenciais na cadeia produtiva do engenho. Nesse sentido:

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas de casa. Espécie de pobres nas

famílias europeias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. (FREYRE, 1936, p. 435)

O advento do processo de usinagem impactou diretamente a dinâmica norteadora das relações sociais travadas entre o senhor e os trabalhadores do engenho. Ao tratamento em nível próximo ao familiar, transforma-se para a impessoalidade; às concessões em relação ao uso da propriedade, tem-se a supressão abrupta do uso do solo por parte dos trabalhadores. Na produção literária em questão, o autor direciona sua abordagem sobre a nova forma de utilização da terra:

Os partidos se perdiam de vista, alcançando os pés da caatinga com a sua verdura. Tudo era obra do usineiro, esforço seu. Arrancara a família da rotina, do banguê moroso, insignificante. As terras nas mãos dos antigos se esperdiçavam. E agora conheciam a força dos arados. Ele plantara cana aonde nunca o velho Zé Paulino sonhara que desse cana. Um dia subiria até à caatinga. (REGO, 1979, p. 97)

A busca incessante do lucro, de forma desmedida e em escala ascendente, seguindo uma lógica fabril, deve ser tomada como uma das características que pautaram a tônica da transição do engenho para a usina. Transformações dessa natureza encontravam-se em franca operação na propriedade descrita na obra literária.

Ocorre que no processamento dos eventos adstritos à conjuntura econômica mundial – se nos reportarmos à questão dos efeitos provenientes do crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929) sobre as economias emergentes –, a partir dos anos 1930 desencadeia-se o enfraquecimento das economias baseadas na exportação de gêneros primários.

No caso brasileiro, segundo Martins e Krilow (2015, p. 10), as consequências do *crash* de 1929 incidiram na forma de uma maior atuação intervencionista do Estado na esfera das relações econômicas⁸. Além disso,

8 Sobre a questão do intervencionismo na economia no período varguista, Filho (2013, p. 860) afirma que: "A "Era Vargas" constitui-se num conjunto de políticas públicas para o país e no ambicioso objetivo de alcançar certa autonomia política e econômica através de um desenvolvimento nacional independente baseado num Estado forte, centralizado e planejador". Ou seja, a presença frequente do Estado – seja como instrumento regulador do mercado ou na intermediação de demandas entre o patronato e o operariado – nas relações econômicas tornou-se uma das principais marcas dos governos que emergiram após a década de 1930, isso quando analisamos sob uma conjuntura mundial.

segundo os autores, tornou-se factível perceber a fragilidade econômica do Brasil, ao considerarmos os efeitos surgidos a partir da recessão internacional.

A irrestrita dependência econômica brasileira, em paralelo aos eventos que se processavam na esfera internacional, pode ser analisada como elemento catalisador do enfraquecimento do sistema produtivo das usinas. Dessa maneira, José Lins do Rego descreveu em sua obra *Usina* (1936) algumas impressões acerca do esfacelamento do modelo de usinagem seguido pelo Dr. Juca:

A Bom Jesus reduzira a sua safra para uns vinte mil sacos. E se fosse assim, com pouco mais viraria banguê. Um mundo de máquinas daquele, reduzido a uma quase imobilidade. Diziam pelos trens que o maquinismo estava se estragando e que com pouco mais nada valeria. Contavam então histórias de Alagoas, iguais à da Bom Jesus: a família Cansação perdera a Uruba para os Peixotos. E a Mendes Lima, de Pernambuco, tinha usineiros em fileira como caranguejo. (REGO, 1979, p. 236)

Na obra literária em questão, a desestruturação do sistema empreendido pelo usineiro deve ser analisada como o resultado prático de uma cadeia de eventos, de uma abrangência que não foi dimensionada. Assim, o efeito da derrocada financeira do Dr. Juca, oriundo a partir das transformações políticas e econômicas que estavam em curso, incidiu diretamente sobre os principais personagens que compunham a obra literária, independentemente da posição social que ocupavam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções literárias dos escritores de uma mesma temática podem ser tomadas como pontos de referência de uma determinada época, como aconteceu com o Romance do Nordeste. Com linguagem ficcional – em um constante exercício, numa amálgama que se vale de elementos do subjetivismo do autor e de suas impressões cotidianas –, mas, por vezes, utilizando-se de ambientações reais, os principais nomes da literatura brasileira regionalista do século XX sobressaíram-se no quesito de denúncia social.

Nessa seara literária, José Lins do Rego não foi a exceção. As obras que compôs o denominado *Ciclo da Cana-de-Açúcar* são exemplares fidedignos de retratação das condições sociais de um segmento marginalizado da sociedade nordestina. Relatos de condições de vivência abaixo da linha da dignidade da pessoa humana, capítulos destinados às desventuras de personagens que sintetizam e representam os indivíduos menos favorecidos; assim José Lins do Rego impingiu ao longo de suas obras uma das suas principais características: a retratação dos dramas desse povo desvalido no campo narrativo.

Nesse sentido, a obra literária *Usina* (1936) é responsável pela exposição de fatos relacionados à transição do modelo econômico-produtivo e da reorganização das relações sociais. Em sintonia com os eventos políticos e econômicos processados na esfera nacional e internacional, o microcosmo retratado por José Lins do Rego passava gradativamente por mudanças substanciais.

Percebe-se, pela análise do texto literário em questão, a ocorrência do recrudescimento da exploração dos trabalhadores, cada vez mais imersos em um sistema de servidão e dependência irrestrita dos ditames emanados pelo usineiro.

Apesar da sua origem social, formação educacional e vinculação parental com o universo oligárquico rural, o autor de *Usina* (1936) conferiu voz e protagonismo aos indivíduos que se encontravam na base do sistema produtivo açucareiro.

Podemos inferir - com base no que foi devidamente exposto e analisado - que a literatura perpassa os aspectos meramente descritivos e ficcionais, sua amplitude se espraia para questões de natureza complexa; da sistemática econômica às nuances e particularidades que permeiam as relações sociais.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de – SILVA, Thaíse Araújo da. **Viva o Povo Brasileiro: interface entre Literatura e História**. In: Litterata, vol. 5, n. 2, p. 105-121 - Ilhéus, 2015.

ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: Regionalismo e Documentário**. In: José Lins do Rego e a epopeia rural do Nordeste – Anais do III CONALI – p. 85-97, João Pessoa, 2016.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. In: Lua Nova, São Paulo: 41-79, 2007.

BÜHLER, Andréa Morais Costa. **O Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego**. In: José Lins do Rego e a epopeia rural do Nordeste – Anais do III CONALI – p. 160-168, João Pessoa, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.

FILHO, Hermógenes Saviani. **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. In: Economia e Sociedade, Campinas, vol. 22, n. 3 (49), p. 855-860, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GIOPPO, Christiane. **Eugenia: a higiene como estratégia de segregação**. In: Educar, Curitiba, n. 12, p. 167-180. Editora da UFPR, 1996.

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação**. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Vol. 6, n. 11, p. 39-53, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2013/06/1288863-no-aniversario-de-jose-lins-do-rego-conheca-o-ciclo-da-cana-de-acucar.shtml>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão (et al.) 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MACHADO, Fulvio de Barros Pinheiro. **Açúcar, o doce sabor do prazer**. In: Brasil, a doce terra – História do setor, p. 01-08, 2003.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos – KRILOW, Leticia Sabina Wermeier. **A Crise de 1929 e seus reflexos no Brasil: a repercussão do crack na Bolsa de Nova York na imprensa brasileira**. In: ALCAR – 10º Encontro Nacional de História da Mídia, UFRGS, p. 01-15, 2015.

MEDEIROS, Aldinida. **O Engenho sucumbe à Usina: memória e decadência em Bangüê**. In: Revista Araticum, v.5, n.1, p. 05-14, 2012.

NASCIMENTO, André José do – MEDEIROS, Maria da Glória de. **O fim da escravidão e as suas consequências**. In: IV Colóquio de História: abordagens interdisciplinares sobre História da Sexualidade: UNICAP, p. 309-316, 2010.

PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres**. In: Estudos Avançados 13, p. 167-198, 1999.

REGO, José Lins do. **Usina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.